

GROMIKO, A. (et alii) *As religiões da África – Tradicionais e sincréticas*
– Edições Progresso – Moscou, 1987.

O presente trabalho, coordenado por um membro correspondente da Academia de Ciências da URSS, apresenta os resultados de inúmeras investigações realizadas sobre as religiões africanas feitas por cientistas sociais soviéticos. O tema é abordado sob o ponto de vista marxista evidenciando o interesse dos pesquisadores em compreender como em África a religiosidade estrutura a vida das populações e, portanto: "qualquer estudo sobre os povos e culturas africanas não pode menosprezar a importância fundamental do fator religioso". A interpenetração do "novo" e do "tradicional" produz outras sínteses nas quais as concepções e crenças herdadas de ancestrais condicionam, delimitam e balizam as transformações sociais.

Esse enunciado, logo às primeiras páginas da Introdução evidencia a proposta do livro, apresentado em 5 capítulos, abordando, respectivamente: cap. 1: A história das religiões africanas; cap. 2: As religiões tradicionais africanas e as organizações político-religiosas; 3: As religiões polidemonistas; cap. 4: As religiões politeístas; cap. 5: As religiões sincréticas, com textos de diferentes especialistas. Nas 327 páginas da obra, encontramos mapas atualizados, gráficos ilustrativos e dezenas de fotos dos diferentes grupos étnicos, bem como dos suportes materiais dos cultos e cerimônias analisados no decorrer dos textos.

Dentro da escassa bibliografia em português disponível aos estudiosos e interessados em assuntos africanos – ou em questões ligadas ao "afro-brasileiro" – este livro preenche uma lacuna sentida no decorrer dos cursos e palestras que ministramos sobre esse assunto.

Os autores relacionam os estudos europeus anteriores realizados desde o século XVI, com a expansão da penetração do capitalismo e início do processo de monetarização das economias tradicionais, analisando também trabalhos de investigadores africanos numa dissecação das várias análises das cosmologias africanas. Os analistas soviéticos nos são apresentados: Charéskaja, Tokarev, Ismaguilova, Kisselev, Ivanov, Malicheva, Tatarinova, entre muitos e muitos outros – todos ainda desconhecidos entre nós, demonstrando que na URSS a investigação sobre África remonta há décadas.

SILVA, Dilma de Melo. *As Religiões da África – Tradicionais e Sincréticas*, de Gromiko, A. (et alii). *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP. S.Paulo, 11 (1): 152-153, 1988.

Eis aí uma oportunidade para apreciarmos a metodologia usada pelos cientistas soviéticos na abordagem das crenças, simbologias, mitos africanos. A obra é apontada pelos redatores como sendo a mais ampla e fundamental da ciência soviética sobre a África. Os africanistas brasileiros têm pois à mão, dispensando o conhecimento do russo, a presente edição, traduzida por G. Mélnikov para o português de Portugal, uma desvantagem, mas ao alcance de nós brasileiros. Leitura agradável, acessível, uma indicação para os professores de História e para todos os que se interessam em conhecer um pouco sobre nossas raízes ocultas ou escamoteadas em nossa mestiçagem afro-indo-euroamericana.

À leitura dos soviéticos nestes tempos de perestroika e de glasnost: vale a pena arriscar a beber água de outras fontes...

Dilma de Melo Silva

ESTÓRIAS DE CONTRATADOS – de F. COSTA ANDRADE – TEXTO E CONTEXTO

Estórias de Contratados é uma pequena obra de cinco contos – “Jonga”, “Um Conto Igual a Muitos”, “Os Regressados das Ilhas”, “A Estrada”, “Vida de Cão” –, em que Costa Andrade, escritor angolano, apresenta, com forte dramatismo humano, factos referenciados a um período de colonialismo intenso do após segunda guerra mundial e circunscritos à região ocidental do Huambo, planalto central angolano.

Seguirei o texto das Edições 70, Lisboa, Portugal, 1980. As citações que visaram a identificação de cada um dos contos serão apresentadas em numeração romana, sendo feita em numeração árabe a identificação das páginas da obra.

ENVOLVIMENTO CONTEXTUAL

Fernando Costa Andrade nasceu no Lépi, província do Huambo, em 1936 e estudou arquitectura em Lisboa e na Iugoslávia. Foi dirigente da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa e organizou, com Carlos Ervedosa, uma colecção de autores angolanos. Veio, mais tarde, a integrar-se como guerrilheiro na luta armada de libertação de Angola. Henrique Abranches afirma: “É um desses lutadores das idéias, e é-o de maneira tão consequente, tão rica e objectiva, como foi a sua participação na luta armada, durante anos, ao lado daquele punhado de guerreiros que alteraram tanta coisa na face do Continente Africano, tal como os insectos que, de flor em flor, fecundam a natureza, fazendo o papel dos deuses.”¹

Além de muitas outras actividades culturais e políticas, Costa Andrade foi, em 1975, membro da Comissão Directiva do M.P.L.A., no Huambo e, entre 1976-78, exerceu as funções de director do *Jornal de Angola*. Em 1980, foi nomeado secretário do Presidente da República para a Informação.

Esta obra começou por aparecer em edições, amputadas ou adaptadas, iludindo-se, desta forma, a censura e a PIDE.

VALE, Fernando. *Estórias de Contratados* de F. Costa Andrade – Texto e Contexto. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP. S.Paulo, 11 (1): 154-159, 1988.

O palco destas "estórias" é a região ocidental do Huambo, coração do Planalto Central de Angola, numa época que se situa entre 1945-1956. As populações desta região tinham vivido, na segunda metade do século passado, as guerras pela ocupação das melhores terras e pelo domínio do comércio com o interior, por parte dos colonos brancos. Em actuações desta natureza, estiveram, entre outros, Silva Porto, referido no conto "Os Regressados das Ilhas".

Já, nessa altura, os tambores de guerra tinham ecoado e o suicídio de Silva Porto parece estar relacionado com a resistência dos indígenas à penetração colonial.

A abertura de estradas (contos IV e V) e a construção do caminho de ferro de Benguela abriram a zona à prática do angariamento, à arbitrariedade das rusgas e ao conseqüente êxodo das populações.

No campo sócio-cultural, faltavam as estruturas necessárias para se combater o obscurantismo. As escolas existentes estavam muito longe de satisfazerem as necessidades mínimas.

Na década de 60, período violento da guerra colonial, havia escritores presos, exilados e silenciados pela ameaça e pelo medo. Alguns participavam na luta armada.

Em 1964, foi encerrada a editora Imbondeiro, em Angola e foi extinta a Casa do Estudantes do Império, em Lisboa. Data em que igualmente foi extinta e destruída a Sociedade Portuguesa de Escritores, devido a um júri, por ela nomeado, ter atribuído o *Grande Prémio da Novellística* à obra *Luuanda* de Luandino Vieira, na altura preso no campo de concentração do Terrafal, com António Cardoso, António Jacinto e outros.

A literatura angolana, deste período, estava engajada no processo revolucionário da luta de libertação e, de várias formas, enveredou para o seu enraizamento no património cultural africano. Podem, os angolanos, orgulharem-se de uma pléiade de escritores que, rejeitando qualquer tipo de colonialismo cultural, muito embora receptivos a intercâmbios literários, se têm empenhado em inserir a sua literatura nas raízes culturais do seu povo.

COESÃO TEXTUAL

Sabendo nós que cada conto é, por si mesmo, uma obra completa, poderíamos ser ingenuamente levados a concluir que não haveria qualquer ligação

(1) Henrique Abranches. Prefácio à obra *Literatura Angola (Opiniões)* de Costa Andrade, Lisboa, Edições 70, 1980, p. 11.

entre cada um dos cinco contos. Assim não aconteceu, pois o seu autor, através de várias técnicas literárias, utilizadas, quer ao nível do significante, quer ao nível do significado, conseguiu que esta obra apresentasse uma grande coesão textual.

Tudo isto foi conseguido habilmente através dos seguintes processos técnico-literários:

- em todos os contos, há uma perfeita adequação entre a diegese e o respectivo título, havendo igualmente adequação entre o título de cada conto e o título da obra;
- todas as personagens-chave dos contos foram directa ou indirectamente afectadas pela política do contrato;
- o elemento humano africano é proveniente da mesma zona do território angolano;
- o título da obra *Estórias de Contratados* está em consonância com o "leitmotiv" destes contos, isto é, a prática do contrato em que as vítimas são os contratados;
- todas estas cinco "estórias" retratam um clima sócio-cultural vivido entre 1945-1956, numa região determinada (Longongo, Cuma e Yava);
- a máquina da administração colonial é constituída sempre pelos mesmos elementos: chefe do posto, cipaio, século, capítia, etc.;
- em todos os contos, deparamos com uma situação degradada, com a revolta mais ou menos surda das populações, com a opressão colonial, com um final da narrativa sempre mau, por vezes, mesmo trágico e com a mesma dicotomia: *exploradores / explorados*;
- há, constantemente, indícios da luta futura e da conseqüente libertação nacional;
- é frequente o aparecimento das mesmas personagens em contos diversos, assim: kaulela aparece nos contos I e III; Paulino kambulu, em II, III e IV; Chenda-é-kumbi, em I e III; Santiago do Cuma aparece em III e V;
- o ritmo bucólico do kissanje e da mbulumbumba é uma constante na linguagem desta obra;
- o elemento folclórico africano está presente nos cinco contos;
- em todos os contos, há a denúncia das formas de exploração, em geral e da prática do angariamento, em particular;
- um sentimento de revolta misturado com um sentimento de impotência, para uma intervenção imediata, aflora a todo o passo;
- há a denúncia permanente da destruição da sociedade ancestral pela acção colonialista;
- em todos os contos, deparamos com a fome, a escravatura, a arbitrariedade do poder político – económico e com a desorientação do povo;

• aparecem, freqüentemente, referências à tradição ancestral de se contarem "estórias" para espalhar, para instruir e mesmo para esquecer.

TEMA E SUA ABORDAGEM

Esta obra aborda a temática: *Opressão colonialista/Revolta surda e impotente do povo oprimido.*

Através de um esforço de dignificação da cultura angolana e do processo de análise das situações dramáticas, à luz do pensamento dialético da luta de classes, o autor apresenta uma série de espaços sociais, em que é patente a opressão do seu povo, mostrando, entretanto, que já se podem apontar alguns angolanos que se mantêm teimosamente firmes e, mais ainda, que o próprio povo anônimo se encontra numa revolta surda e impotente. Além disso, já desponta no horizonte uma centelha de esperança simbolizada no pirilampo... (I, 25).

Em todos os contos, deparamos com a imbricação da opressão e da revolta. Assim, Costa Andrade registra situações de opressão, como se pode ver em: "Kaualela foi levado pelos cipaios aos angariadores, que, em troca, lhe deram dois litros de vinho." (I, 30).

"Surgiram então os angariadores invadindo as senzalas, nas suas carrinhas de lona." (II, 41)

"Paulino leva os homens no Posto senão leva porrada de palmatória" (III, 52).

" - Os cipaios? Tinha muitos, tinha um, o Caveto que deixou nas minhas costas as marcas do chicote que estão a ver." (IV, 87)

" - Vais tu no lugar dele, já te disse. Há outras que vão no lugar dos filhos. (V, 103)

Em contraponto à opressão, são várias as situações de revolta, como podemos verificar em:

"As rugas continuavam. Pedia-se a captura dos fugitivos das roças e das pescarias." (I, 31)

"Não... O seu filho, não... Procurou uma catana, um pau, uma pedra. Era inútil." (II, 46)

"É muito duro tudo isto. Duro é ser homem e negro, mesmo quando se sabe que ser homem é diferente de estar curvado na vida." (III, 69)

" - É maldita a estrada! Maldita - murmurou, para si" (IV, 93)

"Havia revolta nas palavras e nos gestos. Mas a impotência era maior." (V, 104)

VALE, Fernando. *Estórias de Contratados* de F. Costa Andrade – Texto e Contexto. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP. S.Paulo, 11 (1): 154-159, 1988.

A marcação de campos semânticos dicotômicos, através de palavras incivas – *angariador / angariado; embriagador / embriagado; patrão / criado; sedutor / seduzida; rico / miserável; orgulhoso / humilde; farto / esfomeado; contratador / contratado; liberdade / escravidão* – foi um processo de abordagem temática eficazmente utilizado por Costa Andrade.

APLICABILIDADE DENOTATIVA

Em 1958-59, Costa Andrade conseguiu construir uma obra de forte empenhamento social. Com esse objectivo, apresentou, em linguagem literária de grande cunho realista, o cotidiano dos seus conterrâneos. Irei, sucintamente, apontar alguns casos que considero representativos deste estado de coisas:

- a corrupção praticada através do consumo de vinho e de aguardente;
- a utilização do africano como mediano no processo de colonização;
- a exploração sexual da mulher de cor;
- o recurso às rusgas para o trabalho forçado;
- inúmeras situações de carência e mesmo de fome generalizada;
- a prática ancestral, entre os pretos, de se contarem “estórias” – tradição oral;
- a emigração, quer por “motu próprio”, quer forçada;
- a prática do contrato como processo de angariamento de mão de obra barata e a prepotência corrupta dos chefes de posto;
- a ambição desmesurada dos angariadores, etc.

CARACTERÍSTICAS ESTÉTICO - LITERÁRIAS

Os recursos estilísticos são abundantes e de índole variada. Penso que, além disso, se adequam bem ao tema: *opressão colonialista / revolta surda e impotente do povo*. Assim, através da mancha tipográfica truncada, do esboço icônico a preto, de inúmeras elipses, de analepses e prolépses, o escritor Costa Andrade conseguiu, muito bem, expressar a desorientação do seu povo. Por sua vez, as reticências, as admirações, as ironias, as comparações, os diálogos e os símbolos remetem-nos para um estado de espírito perplexo, em que alguma

VALE, Fernando. *Estórias de Contratados* de F. Costa Andrade – Texto e Contexto. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP. S.Paulo, 11 (1): 154-159, 1988.

coisa está para acontecer... Finalmente, as anáforas, rimas, gerúndios, imperfeitos iterativos, sumários, ritmo bucólico, adjectivação disfórica apontam-nos para uma reiteração, quer no processo opressivo, quer na luta surda.

CONCLUSÃO

A obra – *Estórias de Contratados* –, constituída por contos da juventude de um escritor e de uma literatura, tem, a nosso ver, um valor literário estimável. As situações sócio-económicas e políticas relatadas eram paradigmáticas no contexto colonialista da época e, por sua vez, o tema está abordado com coerência e coesão. A linguagem está de acordo com o ambiente sócio cultural. As características estético-literárias são adequadas à temática apresentada. Por tudo isto, no nosso entender, Costa Andrade criou uma obra de real valor literário.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Fernando Costa. *Estórias de Contratados*. Lisboa, Edições 70, 1980.

_____. *Literatura Angolana (Opiniões)*. Lisboa, Edições 70, 1980.

MOSER, Gerald / FERREIRA, Manuel. *Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

RUSSEL, Hamilton. *Literatura Africana, Literatura Necessária II*. Lisboa, Edições 70, 1980.

Fernando Vale